

INJUSTIÇA AMBIENTAL E A CARGILL NA AMAZÔNIA

A SOJA E A DEVASTAÇÃO DA AMAZÔNIA

Se as florestas representam diversidade, a soja representa a padronização da paisagem e do modelo econômico, isto é, ausência de vida, desaparecimento de histórias, de modos de vida, de culturas. Por isso, podemos dizer que a soja também é deserto verde no interior da Amazônia. De maneira particular, os monocultivos produziram contra os povos da Amazônia efeitos danosos tais como desmatamento, contaminação por agrotóxicos, despejos, conflitos territoriais, emissão de Gases de Efeito Estufa, além de insegurança alimentar e nutricional. Um dos principais agentes dessa destruição na região amazônica é a empresa Cargill.



O QUE É A CARGILL? E QUAIS OS SEUS IMPACTOS PARA OS AMAZÔNIDAS?

A Cargill é uma empresa transnacional, com sede nos Estados Unidos, que controla a comercialização de commodities agrícolas como cacau, óleo de palma, soja e milho. A corporação foi alvo de denúncias e protestos no mundo todo e no Brasil por danos causados ao meio ambiente e outras violações de direitos humanos. Na Amazônia, a Cargill já possui 03 portos – em Santarém (PA), Itaituba (PA) e Porto Velho (RO) – e planeja construir mais um, desta vez no município de Abaetetuba (PA).

FICHA TÉCNICA

Autores: Jaqueline Felipe, João Gomes, Guilherme Carvalho, Pedro Martins, Sara Pereira, Tatiana Reis, Yuri Rodrigues
Diagramação: Isa Muriá
Realização: Fase Amazônia
Revisão: João Paulo Serra
Apoio: Rainforest Action Network



O GREENWASHING DA CARGILL

A Cargill investe na propaganda de sustentabilidade, ou seja, na maquiagem verde conhecida como “greenwashing”. Seus objetivos com isso são vários: conquistar o apoio de grande parte da sociedade aos seus empreendimentos, garantir a simpatia de governantes, além de apresentar-se como uma empresa comprometida com as causas ambientais. Tal estratégia se dá invisibilizando as comunidades e suas lutas contra as violações de seus direitos.

O ASSÉDIO E A PRESSÃO SOBRE AS COMUNIDADES, LIDERANÇAS E ORGANIZAÇÕES

A Cargill teria instalado cerca elétrica em território de comunidade tradicional, colocado guardas armados e passado a controlar os recursos naturais da área. Além disso, recentemente a empresa retomou o assédio a comunidades que serão afetadas pelos projetos da “Semeia Fundação Cargill 2024”. Essa iniciativa pretende garantir o consentimento durante a realização da consulta para a instalação do porto e colabora para conflitos internos nas comunidades.

COMO A CARGILL FAZ GRILAGEM DE TERRAS

Para a construção de um porto na modalidade “Terminal de Uso Privado (TUP)”, a Cargill teria adquirido um documento de propriedade de terra em uma comunidade ribeirinha no município de Abaetetuba. Ocorre que a área em questão faz parte de uma porção de terras destinadas a um projeto de assentamento de comunidade tradicional, o “PAE Santo Afonso”, de responsabilidade do governo federal, e, portanto, existem fortes indícios de que tal documento de propriedade seja inválido.

A AMEAÇA DO PORTO EM ABAETETUBA JÁ PROVOCA DANOS

A economia da soja não considera a renda gerada pelo agroextrativismo, praticado por mais de 40 mil pessoas das regiões das Ilhas de Abaetetuba e de Barcarena e que não provoca desmatamento da floresta ou poluição das águas. De acordo com os moradores locais, somente ao redor da Ilha do Capim, em Abaetetuba, são utilizados mais de 120 pesqueiros diariamente, responsáveis por capturar em média 80 toneladas de peixe por ano, garantindo a sobrevivência de 188 famílias.

